



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/03/2025 e 13/03/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/03/2025	10,10	296,50	42,87	5,33	4,55
10/03/2025	9,99	294,40	41,71	5,45	4,58
11/03/2025	9,97	294,10	41,43	5,41	4,56
12/03/2025	9,87	292,40	41,18	5,38	4,48
13/03/2025	9,96	300,30	40,78	5,47	4,53
Média	9,98	295,54	41,59	5,41	4,54

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	129,00	
RS – Não Me Toque	127,00	
PR – Londrina	118,00	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	120,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	113,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	72,50	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	68,00	
SC – Rio do Sul	71,00	
PR – M.C.Rondon	69,00	
PR – Londrina	69,00	
MT – C.N.Parecis	73,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	87,00	
SP – Campinas	91,00	CIF
GO – Rio Verde	70,00	
GO – Jataí	70,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	72,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – M.C.Rondon	77,00	

Período: 12/03/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/03/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	68,29	128,44	70,17

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/03/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	88,16
Feijão (saco 60 Kg)	230,00
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	7,74
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,59**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,97

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Em semana de relatório de oferta e demanda do USDA, o primeiro mês cotado para a soja fechou a quinta-feira (13) em US\$ 9,96/bushel, contra US\$ 10,14 uma semana antes.

O relatório do USDA, para o ano de 2024/25, não trouxe grandes novidades no que diz respeito à soja. A safra passada dos EUA está confirmada em 118,8 milhões de toneladas, os estoques finais daquele país estão mantidos em 10,3 milhões, enquanto a produção mundial será de 420,8 milhões de toneladas. A novidade foi a redução dos estoques finais mundiais para 121,4 milhões de toneladas, ou seja, cerca de três milhões a menos do que o indicado em fevereiro. A produção brasileira é esperada em 169 milhões, a da Argentina em 49 milhões e a do Paraguai em 10,7 milhões de toneladas. Por este relatório, a América do Sul produzirá um total ao redor de 235 milhões de toneladas, contra 218 milhões no ano anterior. Enquanto isso, as importações chinesas de soja foram mantidas em 109 milhões de toneladas, contra 112 milhões em 2023/24. O preço médio ao produtor estadunidense da oleaginosa foi reduzido para US\$ 9,95/bushel, para o ano comercial indicado. Vale destacar que o mais importante relatório virá no dia 31/03, o qual indicará a intenção de plantio dos produtores estadunidenses. Este relatório será acompanhado pelo dos estoques trimestrais na posição 1º de março.

Por sua vez, os embarques semanais de soja, por parte dos EUA, atingiram a 844.218 toneladas, na semana encerrada em 06/03, ficando próximos do patamar máximo esperado pelo mercado. Assim, até o momento, o atual ano comercial registra embarques totais de 29,1 milhões de toneladas, sendo estes 10% maiores do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Enquanto isso, vale ainda destacar que os EUA aumentaram significativamente, neste ano de 2025, seus embarques de óleo de soja. Isso se deve ao recuo dos preços em Chicago, o qual tornou o produto estadunidense mais competitivo frente aos demais óleos. “A Índia, maior importadora mundial de óleo comestível, foi responsável por 20% das exportações de óleo de soja dos EUA, nos primeiros quatro meses de 2024/25. Coreia do Sul, Colômbia e México, juntos, somaram outros 41% dos embarques. O México é frequentemente um dos principais destinos do óleo de soja dos EUA, fato que preocupa os exportadores estadunidenses em função da nova guerra comercial imposta por Trump. Já o Canadá é um importador menos significativo de óleo de soja dos EUA, mas a maioria de suas exportações de óleo de canola são destinadas ao vizinho. Com o conflito comercial atual, a tendência é de menos óleo de canola canadense cruzando a fronteira dos EUA, fato que poderá aumentar a demanda interna de óleo de soja dos EUA, deixando menos espaço para exportações. Em 27 de fevereiro, as vendas de exportação de óleo de soja dos EUA, para 2024/25, totalizaram 764.000 toneladas, a maior alta em 12 anos para a data. Em termos anuais, a maior exportação estadunidense de óleo de soja se deu em 2019/20, com 1,29 milhão de toneladas (cf. Reuters).

E aqui no Brasil, diante de um câmbio que girou ao redor de R\$ 5,80 por dólar durante a semana, os preços se mantiveram estáveis, com algum viés de alta, já que os prêmios nos portos melhoraram em função da redução de safra no Rio Grande do Sul e, sobretudo, em função das retaliações tarifárias chinesas sobre a soja dos EUA, o

que abre espaço para melhores vendas por parte do nosso país. Para se ter uma ideia, o prêmio pago pela soja no Brasil, em relação aos contratos futuros da Bolsa de Chicago, subiram 70% na semana anterior. No porto de Paranaguá (PR), uma das referências nacionais, o prêmio de exportação de soja está sendo ofertado em 85 centavos de dólar por bushel, para embarque em março, o maior valor desde 2022, quando considerado o mesmo mês de embarque em período equivalente dos anos anteriores (cf. Cepea). Algumas semanas atrás este prêmio estava negativo.

Assim, a média gaúcha subiu para R\$ 128,44/saco, enquanto as principais praças locais praticaram valores entre R\$ 127,00 e R\$ 129,00. Já na demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 105,00 e R\$ 120,00/saco.

Nos dois primeiros meses do corrente ano, a China comprou 79% da soja exportada pelo Brasil, havendo expectativa que esta demanda chinesa continue a partir do conflito comercial que o país asiático tem, novamente, com os EUA.

Enquanto isso, a comercialização da atual safra de soja chegou a 42,4% no Brasil, contra 48,8% na média histórica (cf. Safras & Mercado). Já a colheita da atual safra 2024/25, teria alcançado algo próximo a 70% em meados da corrente semana. No Paraná a mesma chegava a 72% no dia 10/03, enquanto no Rio Grande do Sul a ela estava em apenas 3%, ficando dentro da média histórica (cf. Deral e Emater).

Ainda a respeito do Rio Grande do Sul, números atualizados pela Emater local dão conta de que a safra de soja quebrou em 17% sobre a do ano anterior e 30% em relação ao esperado, devendo ficar ao redor de 15 milhões de toneladas. Provavelmente estes números deverão ainda ser revistos, para baixo, considerando o período da coleta das informações (segunda quinzena de fevereiro). Assim, por enquanto, em relação ao esperado, a perda supera um pouco mais de 6 milhões de toneladas.

Por outro lado, a Conab, diante desta realidade gaúcha, informa que Goiás será o terceiro maior Estado produtor de soja neste ano, deixando o Rio Grande do Sul em quarto lugar. Aliás, o órgão público ainda está conservador em relação a quebra gaúcha, pois em seu boletim deste dia 13/03 aponta uma safra de 17,1 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul, ou seja, cerca de dois milhões a mais do que a Emater indica. A produção total brasileira, assim, ainda está estimada, pela Conab, em 167,4 milhões de toneladas para 2024/25.

Em relação ao mercado externo, em março o Brasil deverá exportar 15,4 milhões de toneladas de soja, considerando a atual tendência. O recorde histórico nacional é de abril de 2021, com 15,7 milhões de toneladas. Enquanto o melhor março foi registrado também naquele ano, com 14,9 milhões de toneladas. Já em farelo, o Brasil espera atingir a 2,38 milhões de toneladas exportadas em março. Se confirmado, este volume ficaria um pouco abaixo do recorde de 2,46 milhões de toneladas registrado em outubro do ano passado (cf. Anec).

Enfim, o Brasil continua sofrendo com sérios problemas de logística, especialmente armazenagem e transporte, fato que atinge igualmente as exportações. Nos primeiros dois meses deste ano, as exportações brasileiras atingiram a 7,5 milhões de toneladas de soja, com recuo de 20,8% sobre o mesmo período do ano anterior, enquanto no

Mato Grosso as mesmas atingiram a 2,65 milhões de toneladas no período, com uma redução de 24,4% em comparação com 2024 (Imea). O principal motivo, além da logística, está na colheita mais tardia da oleaginosa neste ano.

MERCADO DO MILHO

O fechamento da quinta-feira (13), para o primeiro mês cotado em Chicago, registrou o valor de US\$ 4,53/bushel de milho, contra US\$ 4,49 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 11/03, também pouca novidade trouxe sobre o cereal. A produção final dos EUA ficou mesmo em 377,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais do país estão em 39,1 milhões. Já a produção mundial de milho subiu para 1,214 bilhão de toneladas, ganhando cerca de dois milhões sobre fevereiro, enquanto os estoques finais globais foram reduzidos um pouco, ficando agora em 288,9 milhões de toneladas. A produção brasileira e argentina de milho, em 2024/25, seria de 126 e 50 milhões de toneladas, respectivamente. Em tal contexto, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, para o corrente ano comercial, foi mantido em US\$ 4,35/bushel. O mercado aguarda, agora, os relatórios de intenção de plantio e estoques trimestrais nos EUA, a serem anunciados em 31/03.

Enquanto isso, na semana encerrada em 06 de março os EUA embarcaram 1,8 milhão de toneladas de milho, superando as expectativas do mercado. Assim, o volume já embarcado no atual ano comercial soma 29,1 milhões de toneladas, ou seja, 33% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Neste momento, os mercados internacional e nacional estão na expectativa da aplicação das tarifas alfandegárias prometidas por Trump sobre produtos de seus parceiros comerciais, as quais incluem o milho igualmente. O atual presidente dos EUA prometeu aplicá-las, para o setor primário, a partir de 1º de abril.

E no Brasil, os preços do cereal continuam firmes e em alta em boa parte das regiões. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 68,29/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços giraram entre R\$ 69,00 e R\$ 87,00/saco.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, a safra de verão deverá atingir a 4,78 milhões de toneladas, contra a expectativa inicial de 5,32 milhões. Mesmo assim, a safra será 6,1% maior do que a do ano anterior, que sofreu bem mais com os problemas climáticos (cf. Emater).

Já o plantio da safrinha, no Brasil, teria chegado a 82,3% no dia 09/03, ficando muito próximo da média histórica, segundo a Conab. Entre os estados mais avançados no plantio estão Mato Grosso (95,3%), Goiás (89%), Tocantins (79,2%), Mato Grosso do Sul (70%), Maranhão (64,2%), Paraná (62,8%), Minas Gerais (55,5%), Piauí (47,6%) e São Paulo (27,4%).

Já especificamente no Centro-Sul brasileiro, a segunda safra estava semeada em 92% da área esperada até meados da semana anterior, segundo a AgRural. Enquanto isso, o milho verão 2024/25, também no Centro-Sul, estava colhido em 54% da área, contra 57% um ano antes.

E no Paraná, conforme o Deral, a safrinha estaria semeada em 82% até meados da presente semana, sendo este número bem superior ao indicado pela Conab. Mesmo assim, o plantio paranaense está mais lento devido a falta de chuvas naquele estado. Já começam a existir preocupações em relação a baixa umidade do solo e a necessidade de replantio em algumas regiões paranaenses.

E no Mato Grosso, o Imea informa que a safra de milho 2023/24 está com 98% de seu volume comercializado, enquanto a nova safra 2024/25 estaria com 37,6% vendido. Houve uma aceleração nas vendas devido a uma melhoria nos preços do milho local, já que fevereiro alcançou a média de R\$ 60,40/saco, ou seja, 7,9% acima da média registrada em janeiro. Enfim, a futura safra 2025/26 já viu seus primeiros negócios sendo realizados, com 0,5% vendida, com preços médios de R\$ 41,82/saco. Ou seja, quase 20 reais abaixo do que atualmente aquele estado vem praticando.

Enfim, a Secex indicou que as exportações brasileiras de milho, em fevereiro passado, atingiram a 1,43 milhão de toneladas, contra 1,71 milhão no mesmo mês do ano anterior. A performance das exportações nacionais de milho, neste ano, irá depender do volume a ser produzido na safrinha, dos efeitos cambiais e da guerra comercial imposta pelo governo estadunidense a outros países, incluindo o Brasil.

Já nos primeiros três dias úteis de março o Brasil exportou 446.941 toneladas do cereal, o que já superou a totalidade das exportações em todo o mês de março de 2024. Ou seja, a média diária do atual mês de março é 597,3% superior a registrada em março do ano passado. O preço médio, pago pela tonelada do milho brasileiro, subiu, passando dos US\$ 236,10 em março/24 para US\$ 236,60 em março/25.

MERCADO DO TRIGO

O trigo fechou a quinta-feira (13) com o primeiro mês cotado registrando US\$ 5,47/bushel, contra US\$ 5,37 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda, do dia 11/03, trouxe os seguintes números para a safra 2024/25: a) nos EUA, a produção total do cereal foi mantida em 53,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais no país foram aumentados para 22,3 milhões, ganhando 700.000 toneladas sobre o indicado em fevereiro; b) a produção mundial de trigo foi aumentada para 797,2 milhões de toneladas, ganhando cerca de 3,5 milhões sobre o apontado em fevereiro. Já os estoques finais mundiais aumentaram para 260,1 milhões de toneladas, sendo que a produção da Argentina ficaria em 18,2 milhões, a da Austrália em 34,1 milhões, a do Canadá em 35 milhões, a da União Europeia em 121,3 milhões, a da Rússia em 81,6 milhões, a da Ucrânia em 23,9 milhões e a do Brasil em 7,9 milhões de toneladas. Pelo relatório, o Brasil deverá importar 6,5 milhões de toneladas de trigo em 2024/25; c) assim, o preço médio ao produtor estadunidense de trigo ficaria em US\$ 5,50/bushel no atual ano comercial. Aqui também existe a expectativa quanto aos relatórios do dia 31/03, especialmente no que diz respeito aos estoques trimestrais na posição 1º de março.

Dito isso, os embarques estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 06/03, atingiram a 216.173 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual as exportações somam 15,8 milhões de toneladas, ou seja, 18% a mais do que no ano passado, nesta mesma época.

E na Índia, espera-se uma produção recorde, ao redor de 115,4 milhões de toneladas, apesar do clima muito quente em março. Houve um aumento na área semeada, estimulado pelos preços de garantia definidos pelo governo local. A Índia é o segundo produtor mundial de trigo, ficando atrás da China. No ano passado produziu 113,3 milhões de toneladas do cereal, volume 6,2% abaixo do estimado inicialmente pelo governo. Por enquanto, o governo local continua evitando importações, aplicando um imposto de importação de 40% sobre o cereal. O país foi forçado a proibir as exportações de trigo em 2022, depois que um aumento acentuado nas temperaturas em fevereiro e março daquele ano fez a safra cair (cf. Reuters).

E aqui no Brasil os preços continuam subindo. Isso se deve à falta de produto de qualidade superior, fato que leva os vendedores a se retraírem, na expectativa de preços melhores. Diante disso, os compradores nacionais estão preferindo importar trigo. Em fevereiro foram importadas 582.200 toneladas do cereal, representando 18,8% a menos do que em janeiro, porém, 10% a mais do que em fevereiro do ano passado (cf. Secex). Nos últimos 12 meses foram importadas 6,8 milhões de toneladas de trigo, a maior quantidade acumulada em 12 meses desde junho/19.

Em tal contexto, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 70,17/saco, existindo praças pagando R\$ 72,00, enquanto no Paraná os preços chegaram a R\$ 77,00/saco.

Já no mercado FOB, compras estão sendo feitas, no Rio Grande do Sul, para a segunda quinzena de março e abril com valores em R\$ 1.350,00/tonelada no interior, enquanto vendedores pedem entre R\$ 1.400,00 e R\$ 1.450,00. As exportações foram encerradas, aguardando apenas os embarques finais, totalizando 1,75 milhão de toneladas. Em Santa Catarina, os preços ao produtor aumentaram no Oeste do estado, mas o mercado permanece lento. A dificuldade na venda de farinha impede reajustes de preços, mantendo o cenário estável há semanas. O trigo do Rio Grande do Sul chega ao vizinho estado em torno de R\$ 1.600,00/tonelada, considerando frete e ICMS. A demanda fraca por farinha e farelo pressiona o mercado. Algumas cooperativas catarinenses seguram estoques à espera de preços melhores. Assim, os preços no balcão variam entre R\$ 69,00 e R\$ 80,00/saco. Enfim, no Paraná a oferta de trigo é escassa, e os vendedores pedem entre R\$ 1.500,00 e R\$ 1.600,00/tonelada FOB. Fretes elevados impactam os custos, especialmente devido à colheita de soja e milho. O trigo importado chega ao Oeste paranaense entre US\$ 265,00 e US\$ 270,00/tonelada. A média estadual do preço de balcão, no Paraná, atingiu a R\$ 76,03/saco, enquanto os custos de produção recuaram, elevando o lucro para 10,7% (TF Agroeconômica in: Agrolink).

Por outro lado, estimativas privadas para a safra 2025/26 de trigo, no Brasil, dão conta de uma produção 17,3% maior, em relação ao último ano, podendo atingir a 9 milhões de toneladas (cf. StoneX). Vale destacar que existe a possibilidade de a área nacional de trigo ser menor neste ano. As primeiras projeções dão conta de uma redução de 5% em termos de país.